

Resiliência e espiritualidade: algumas implicações para a formação humana

1

Ana Lúcia Leal*
Ferdinand Röhr**
José Policarpo Júnior***

Resumo: A teoria pedagógica comporta muitos fenômenos que o educador deve compreender e levar em consideração, dentre eles, a crise. Alguns educadores exercem dignamente o seu ofício. Mesmo diante das situações mais adversas, eles podem ser considerados resilientes. Resiliência é o nome dado à capacidade concreta das pessoas de não só superarem situações críticas, mas também de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal. Os estudos sobre o tema se propõem a enfatizar a promoção de processos educativos que facilitem ou tornem as pessoas mais resistentes e maduras para enfrentar as dificuldades que ocorrem em sua vida. A inclusão da espiritualidade como um fator de favorecimento da resiliência parece ser o de desafiar o futuro numa perspectiva de superação, considerando as adversidades como

Abstract: The pedagogical theory involves many phenomena that the educator must understand and take into consideration; the crisis is among them. Some educators exercise their profession with dignity, even with the most adverse situations; they can be considered resilient. Resilience is the name given to the practical ability of people to not only overcome critical situations, but also use them in their process of personal development. Studies on the subject are proposed to emphasize the promotion of educational processes that facilitate people become more resilient and mature to face the difficulties that occur in their lives. It seems that the inclusion of spirituality as a factor to favor resilience tends to consider the future as a challenge to be overcome, and the adversities as obstacles that can promote personal growth

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora no Curso de Psicologia e coordenadora do curso de Pedagogia EAD da Faculdade Integrada do Recife (FIR). *E-mail:* analealchaves@yahoo.com.br.

** Dr. phil. da Rheinisch-Westfälisch Technische Hochschule Aachen (Alemanha). Professor Adjunto no Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). *E-mail:* ferdinan@elogica.com.br.

*** Doutor em Educação. Prof. Adjunto no Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação. Pós-Doutorado pela *Pennsylvania State University* (Estados Unidos). Professor Adjunto no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). *E-mail:* jpj@ufpe.br.

obstáculos que poderão favorecer o amadurecimento pessoal, através da ampliação da visão de mundo e do estabelecimento de novas formas de equilíbrio. Acredita-se que um professor resiliente poderá mais facilmente manter-se firme em sua tarefa de educar, transcendendo as questões meramente pedagógicas, buscando desenvolver a integralidade na prática formativa, sobretudo porque possui mais possibilidades de vivenciar a sua própria multidimensionalidade. Este texto tem como finalidade estudar a importância da espiritualidade no favorecimento de uma postura resiliente no educador.

Palavras-chave: Resiliência. Espiritualidade. Formação humana. Educação.

through expansion of the worldview and the establishment of new balance forms. It is believed that a resilient teacher can transcend merely pedagogical issues and more easily stand firm in his/her task of education, pursuing the development of wholeness in his/her educational practice, mainly because he/she has more chances of experiencing his/her own multidimensionality. This paper aims to study the importance of spirituality in favor of a resilient attitude of educator.

Keywords: Resilience. Spirituality. Human development. Education.

Introdução

Para Castro (2001), no cotidiano escolar, a complexidade da sala de aula, caracterizada por sua multidimensionalidade, simultaneidade de eventos, imprevisibilidade, imediaticidade e unicidade de respostas às inúmeras situações práticas, se constitui em sério desafio, que exige certa capacidade de enfrentamento por parte do professor. Por que será que alguns desses profissionais são apanhados em desânimo profundo, diante do cotidiano educacional, enquanto outros resistem positivamente? Por que mesmo em situações adversas tantos mostram uma integridade intrínseca, um desejo legítimo de exercer dignamente o seu ofício, não apenas porque precisam garantir o seu sustento, mas, sobretudo, por um ideal de vida, por amor a sua profissão?

Nem sempre a tarefa dos educadores será fácil. Precisarão de uma dose extra de amor, paciência, esperança, persistência e disciplina para ajudar os alunos, contribuindo não apenas para a formação acadêmica, mas também para a formação humana dos mesmos. Deverão manter-se produtivos e otimistas, envolvidos efetivamente em sua prática, estando atentos em atrelar a transmissão dos conteúdos pedagógicos à vida afetiva dos alunos, colaborando para criar um ambiente favorável à aprendizagem, de acolhimento, disponibilidade e, sobretudo, de confiança.



Mas o que faz com que os professores persistam em seus ofícios apesar de todas as dificuldades? A resposta pode estar em estudos desenvolvidos pela psicologia. Há mais de quarenta anos essa ciência tem se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e angústia, presas nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. (POLETTI; DOBBS, 2007). A capacidade das pessoas de se manterem íntegras, apesar das adversidades da vida, chama-se resiliência.




Considera-se que, na perspectiva da resiliência, a experiência formativa tem como objetivo despertar as potências do humano que habitam em cada um de nós, através de uma visão integral ou multidimensional. Através dessa visão formativa, o educando é instigado a experimentar condições insuspeitadas de crescimento e realização.

Nessa época de caos existencial, faz-se necessário o retorno da autoestima, tão abalada com exemplos de destruição do próprio ser e de seu meio ambiente, o que nos coloca numa situação de incômoda sensação de impotência. Levando-se em conta que a vivência espiritual se apresenta como uma valiosa oportunidade de crescimento e descoberta interior, acreditamos que essa dimensão seja indispensável aos seres considerados resilientes.

Pretendemos esboçar, num primeiro momento deste artigo, a nossa compreensão sobre resiliência, apresentando alguns estudos que poderão contribuir para a formação dessa concepção. Em seguida, desenvolveremos algumas reflexões em torno da espiritualidade e de sua importância para a formação humana, para, então, finalizar com uma reflexão sobre a noção de integralidade no âmbito educacional.


Resiliência: algumas contribuições teóricas ao seu estudo

A noção de resiliência vem sendo utilizada há muito tempo pela física e engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young, que, em 1807, considerando a tensão e a compressão, introduziu pela primeira vez a noção de módulo de elasticidade. Young descrevia experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação produzida. (YUNES; SZYMANSKI, 2001).




A palavra *resiliência* apresenta várias definições de acordo com a área em que o termo é empregado. Tem origem no latim *resilio* que significa retornar a um estado anterior. (MONTEIRO et al., 2001). A resiliência representa a capacidade concreta das pessoas de não só retornarem ao estado natural de excelência, superando situações críticas, mas também de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal, sem se deixarem afetar negativamente, capitalizando as forças negativas de forma construtiva.

Esse conceito já foi entendido como sinônimo de invulnerabilidade e como qualidades elásticas e flexíveis do ser humano. O foco no indivíduo caracterizava pesquisas pioneiras que questionavam se a resiliência existiria por uma constituição singular do indivíduo ou pela interação entre aquilo que é subjetivo e aquilo que o meio externo oferece como suporte ao sujeito. (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006).



Para Poletti e Dobbs (2007), a resiliência pode se manifestar em situações onde exista um grande risco devido ao acúmulo de fatores de *stress* e tensão, quando a pessoa é capaz de conservar aptidões em face do perigo e seguir crescendo harmoniosamente. Apesar de não resultar, pode receber influência das circunstâncias (sobretudo de sua primeira infância), das mensagens que recebeu, das ligações afetivas que criou e a segurança que essas lhe fizeram sentir. Considera-se, além disso, o ambiente no qual o sujeito se encontra, a presença ou ausência de pessoas sadias ao seu redor e os contextos político, social, cultural e religioso, nos quais ela se desenvolve.



Vicente (1996) considera que as características centrais encontradas nos resilientes são o reconhecimento da verdadeira dimensão do problema; o reconhecimento das possibilidades de enfrentamento; e o estabelecimento de metas para sua resolução. Para Sampaio (2005), os resilientes buscam no autoconhecimento o equilíbrio necessário para transformar emoções negativas em positivas.

Para Policarpo Júnior (2006),

quando a vida pessoal é vivida com sabedoria, a tendência é perceber que de fato não há separação entre introspecção e ação no mundo. Por meio da auto-reflexão, isto é, pelo exercício do diálogo interior, os hábitos mentais e comportamentais, os sentimentos e emoções podem se tornar progressivamente objeto da razoabilidade. Sem autocomiseração e inclemência, é possível que o indivíduo transforme seus limites, fraquezas, medos, potencialidades e virtudes



em algo familiar, refletindo sobre eles e passando a chamar pelo devido nome cada uma de suas atitudes preponderantes, passando de fato a conhecê-las e a discernir-lhes o sentido, não apenas vivendo como seu refém. (p. 12).

Mas não são todos os seres humanos que conseguem ultrapassar os momentos de crise. As dificuldades da vida, em certos momentos, podem fazer ressurgir lembranças dolorosas, e o próprio sofrimento pode inibir e, de certa forma, alterar a resposta resiliente do sujeito. Assim, o resiliente não consegue resistir a todas as pressões do meio,¹ isto é, pode chegar a um ponto em que não tolere mais a pressão externa.




Frankl (1991) menciona que Gotthold Ephraim Lessing disse uma vez: “Quem não perde a cabeça com certas coisas é porque não tem cabeça para perder.” Mas a pessoa pode ser mais forte que seu destino exterior. Sempre, e em toda parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar a sua situação de sofrimento numa realização interior de valores. Vítima dos horrores dos campos de concentração, Frankl é considerado o “pai” dos estudos sobre resiliência (embora ele nunca tenha feito uso desse termo), além de ser um exemplo de personalidade resiliente, fundador da Logoterapia, muitas vezes chamada “terceira escola vienense de psicoterapia”.² Ele observou a si mesmo e aos prisioneiros de campos de extermínio nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e saiu fortalecido, chegando a ser uma pessoa autorrealizada.

Acredita-se que a busca pelo autoconhecimento e o fortalecimento dos valores do ser humano, como base para o desenvolvimento de sua força interior são capazes de habilitar o homem a superar as dificuldades que a vida apresenta. Essa força, a resiliência, traz em sua essência, entre outras coisas, a harmonia entre razão e emoção e a introspecção.

Pazzola (2002) considera que a introspecção não pode ser utilizada como mecanismo de fuga para que sejam evitados todos os momentos de dificuldade, que só trarão o real aprendizado e o crescimento do nível de resiliência, quando forem vividos em todo o seu ciclo de ruptura-reintegração. A introspecção oferece um caminho de melhoria da qualidade interna do ser, quando ele observa que existe um intervalo

¹ A própria física explica que a resistência de um dado material tem limites. Para Sampaio (2005), para que haja resiliência não basta que somente a pessoa seja forte o suficiente para aguentar pressões. Um elástico, mesmo sendo flexível, sob pressões inadequadas, demora, mas um dia se rompe.

² As duas primeiras são a psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler.



entre qualquer estímulo que recebe de fora e sua resposta em termos de palavras e ações. Acredita que

o desenvolvimento da sensibilidade emocional, em pessoas de uma vida intelectual e culturalmente ativas, dá a elas a habilidade de exercerem um mecanismo de defesa, nos momentos de dor, provocados pelos pontos de bifurcação, que consiste em retirarem-se daquele ambiente hostil, refugiando-se em seu próprio ser, no domínio de sua liberdade espiritual e riqueza interior, fazendo com que esses momentos tenham efeitos menos danosos em suas existências. (p. 20).

A conscientização dos valores que julgamos necessários para uma vida melhor e a busca determinada por pensamentos, palavras e atitudes, coerentes com esses valores, nos fortalecem, ao mesmo tempo que nos tornam mais flexíveis, mais aptos para enfrentar situações adversas, que, de tão rotineiras e de ocorrência tão variada, afetam-nos tanto na vida familiar, como em nosso ambiente de trabalho, convívio social e em nosso próprio ser interno. (PAZZOLA, 2002).

Policarpo Júnior (2006) considera que

por intermédio da introspecção exercida pela auto-reflexão, contemplação e experiência, cada um poderá reconhecer seu constante inacabamento, tornando-se intimamente familiarizado com seus pensamentos, sentimentos e atitudes, a ponto de reconhecê-los com facilidade em si e nos outros, o que proporcionará o enriquecimento pessoal no sentido do desenvolvimento da compreensão, tolerância e paciência para com os demais. Assim, a autocompreensão tende a converter-se progressivamente em compreensão e aceitação da alteridade, o que implica, por sua vez, um comportamento mais sábio e familiarizado para com as diferenças já conhecidas e as que possam vir a surgir. (p. 13).

Com a crescente realização nesse campo, o sujeito tenderá a sentir-se menos dividido, e muitas das oposições *eu/mundo*, *sujeito/objeto* se tornam frágeis, permitindo um sentimento cada vez maior de integridade. A partir daí poderá surgir uma unificação progressiva com si mesmo ou uma *individuação*, compreendida como um processo de superação contínuo das diversas cisões interiores. Isso permitirá que se dissipem muitas das oposições até então percebidas como conflito. (POLICARPO JÚNIOR, 2006).



Essa noção de relação com o outro, de quebra de dicotomias, pode ser encontrada em Azevedo (2000), quando destaca que a resiliência funda-se numa interação entre a pessoa, enquanto ser humano e o seu eu, enquanto produto de desenvolvimento, situada num contexto ambiental que ele influencia e que por ela é também influenciada. Assim, se entendermos a resiliência como uma capacidade universal, para que essa se desenvolva, é necessário utilizar os próprios recursos e trabalhá-los em estrita ligação com o seu meio social e cultural e com si mesmo.




Frankl (1991, 2007) considera que o homem sempre procura um significado para sua vida. Está sempre se movendo em busca de um sentido, sendo esse seu “interesse primário”. O desejo de sentido é, não só uma manifestação natural da humanidade do homem, mas também um indício de saúde mental. A falta de significado e de objetividade existencial é o início de uma incapacidade emotiva de adaptação ao ambiente. Nesse sentido, não devemos esquecer que podemos descobrir um sentido na vida, mesmo quando nos vemos numa situação sem esperança, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado. O autor considera que a liberdade do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe configurar a sua vida de modo que tenha sentido, sentido esse que não pode ser dado, e sim, encontrado. Mas ser livre é pouco, ou nada, se não houver um “para quê?”.

Para Policarpo Júnior (2006),

a liberdade de reconhecer que a natureza de cada um não se limita aos papéis, preferências, padrões e hábitos corporais, emocionais e mentais alimentados durante tanto tempo é o que proporciona a abertura pessoal progressiva a dimensões antes desconhecidas do próprio ser particular. Um sentimento natural de compaixão desinteressada e sem auto-referência pode então começar a se estabelecer. Por outro lado, na medida em que a flexibilidade e abertura para diferentes experiências, não mais pré-formadas pelos padrões pessoais, se estabelecem, a pessoa passa naturalmente a viver uma vida com menos cisão interna, diminuindo, assim, suas divisões consigo mesma. (p. 23).

Frankl (2005, 2007) acredita que a existência depende da capacidade de transcender o próprio eu. A liberdade humana implica a capacidade do homem de distanciamento de si próprio. A autorrealização, a autenticidade da existência humana, inclusive, só seria






possível como produto secundário da autotranscendência. Ele está se referindo à transcendência completa que se verifica na relação do homem com o *Ultimate Meaning*, com o sobressignificado. (p. 25).

Na trajetória de resilientes há, frequentemente, uma oportunidade imprevisível, uma chance que pode ser aproveitada, mas não provocada, e será a capacidade de ter esperança, de querer seguir em frente que permitirá perceber e vencer as provações da vida. Assim, sempre que estiver diante de uma situação que não puder mudar, pode mudar a sua atitude diante da situação, mudando a si mesmo, amadurecendo e crescendo além dele próprio.

Resiliência e espiritualidade: a relevância desses conceitos na educação



Pazzola (2002) considera que a espiritualidade tem a ver com o desenvolvimento dos valores humanos, e não, com a prática de rituais. Röhr (2007) também adota um conceito de espiritualidade que tenta distanciar-se dos modismos do nosso tempo, “compreendendo-a como parte fundamental e perene da humanização do ser humano”. (p. 1).

Para Frankl, o homem é ser espiritual-pessoal. O verdadeiro ser humano não é um ser impulsionado. Trata-se, muito mais, de acordo com Jaspers, de um “ser que decide” ou, no sentido de Heidegger, de um “estar aqui”. No sentido analítico-existencial, constitui um “ser-responsável”, portanto, um ser existencial. A dimensão espiritual é o ponto de partida e de chegada para uma compreensão mais real e total do homem, ou seja, somente quando se fala do espiritual é que se começa a falar do especificamente humano do homem e, enquanto pessoa espiritual, o que o caracteriza verdadeiramente não é a impulsividade, mas a responsabilidade. Assim, o ser humano é “verdadeiramente ele próprio” somente quando não é impulsionado, mas responsável. A dimensão animalesca, portanto, é superada na dimensão espiritual, sem prejudicar a verdadeira unidade do homem. (PETER, 1999; FRANKL, 2007).

Frankl (2007) aponta à existência de uma espécie de *fê* inconsciente e de um “inconsciente transcendental” cuja riqueza não está circunscrita à dimensão de religiosidade, mas também à dimensão intelectual ou artística, consideradas forças primárias e dinamizadoras desse mesmo

inconsciente. A origem da consciência está no transcendente, reconhecendo no diálogo da consciência a expressão de uma relação do EU-TU, também aceita por Buber, Jaspers e Marcel.

Para Buber (2001), a relação EU-TU implica assumir a si mesmo, implica rompimento com as relações objetivantes. A possibilidade de nos tornarmos mais humanos ocorre na medida em que entramos na relação EU-TU, e essa relação pode ocorrer quando vamos perceber o outro verdadeiramente, mesmo que seja diferente de nós.

Pazzola (2002) considera que o objetivo principal da espiritualidade é a melhoria dos pensamentos, das palavras e ações, afetando o comportamento dos sujeitos, que passam a ter uma noção mais clara da sua identidade e dos valores que necessitam desenvolver para a busca de uma vida melhor. Essa transformação parte do íntimo de cada um, que busca um contato maior com seus sentimentos.

É válido ressaltar que a vivência espiritual e outras formas que auxiliam no enfrentamento digno do sofrimento, não são apenas encontradas diante da dor. O sofrimento não é *necessário* para encontrar sentido, mas, se ele for inevitável, é possível encontrar o sentido da existência a despeito da vivência das mais penosas situações. Porém, sofrer desnecessariamente é masoquismo e não heroísmo. (FRANKL, 1991, 2005, 2007).

Formação humana e busca da integralidade

Para Frankl (2007), a totalidade do humano estaria na integração biopsicoespiritual. Silva e Alves (2007) consideram que se o sujeito se encontra fragmentado em diferentes níveis (físico, mental, social, cultural, ambiental e espiritual) é porque a inteireza do ser não tem sido respeitada em cada ciclo do desenvolvimento humano. Em cada um deles, o indivíduo necessita aprender a amar, aprender a conhecer, a fazer, a viver junto, aprender a ser, a crer e a se adaptar de acordo com as circunstâncias, expandindo sua consciência rumo à inteireza, dando-lhe sentido e, conseqüentemente, promovendo a qualidade de vida. Para superar essa fragmentação, faz-se necessária uma educação que se estenda ao longo de toda vida e passe pela aprendizagem da humildade de descobrir e revelar o “tesouro escondido” em cada um.






Os defensores da chamada “educação holística”, ou “integral”, têm como objetivo comum a “reconfiguração” do ser, ou seja, a formação do humano em sua inteireza. Lamentavelmente, na modernidade, o campo do ensino tem se apresentado, comumente, de forma fragmentada. Partindo-se do pressuposto de que o humano se expressa na íntegra de suas possibilidades, a educação teria como meta a busca da integralidade desses aspectos, no que há de mais humano. Nesse sentido, as reflexões de Röhr (1999, 2004, 2006a, 2006b, 2007) apresentam contribuições fundamentais para pensar a formação do educador. Para ele, perpassa as reflexões pedagógicas a ideia da integralidade da pessoa humana enquanto fim último da educação. Considera a ideia de integralidade como “ideia regulativa”, de um lado, no sentido de ser de fundamental importância para o direcionamento da prática pedagógica e, de outro, como conceito que não se alcança na sua totalidade na realidade empírica.

Para Röhr (2004, p. 13), “quanto mais conhecimentos seguros o educador adquire na sua conceituação da integralidade do ser humano, mais orientações ele dispõe para nortear a sua prática pedagógica”. O autor (2006a) acrescenta que tratar pessoas em situação desigual de forma igual é tão injusto como tratar pessoas em situação igual de forma desigual. Mas não se pode esperar nada de um educador, em termos de formação humana integral, que permaneça preso ainda nos próprios conflitos emocionais ou interesses egocêntricos na educação.

A ideia de integralidade do processo educativo exigiria, portanto, orientar a ação pedagógica no desenvolvimento proporcional e articulado de todos esses aspectos, sem que haja supremacia ou subestimação de um deles. Abrir mão da integralidade significa fragmentar o pedagógico, criando uma ilusão de possível sucesso e qualidade. A multidimensionalidade do pedagógico é o ponto de partida para qualquer reflexão sobre a formação do educador, também na sua multidimensionalidade. (RÖHR, 1999).

Acredita-se que o educar, portanto, é um agir. Educando, visa-se também a proporcionar um agir ético no próprio educando. Se faltar, por parte do educador, o respeito diante da possibilidade de o educando se comprometer com sua aproximação ao ético, ele nesse ato abandona o propriamente pedagógico, negando a liberdade de seu educando. O respeito diante da liberdade do educando revela-se como cerne da dimensão ética do pedagógico. (RÖHR, 2006a).



Não obstante, o conceito geral de educação em nossa cultura permanece associado a um privilégio da cognição e a uma ilusão de que a racionalidade esgota por si mesma todas as facetas do fenômeno humano. Essa forma de pensar e organizar os processos educacionais tem levado crianças, adolescentes e jovens a lidarem com a realidade também de forma descontextualizada, o que tem repercussões diretas na maneira como elas compreendem e lidam com as experiências de sua própria vida.

Sampaio (2005) considera que não teremos alunos resilientes se esses não forem respeitados, não tiverem a oportunidade de errar e entenderem que isso é uma forma de aprendizagem, se não forem encarados como sujeitos em processo de formação de caráter e identidade à medida que se desenvolvem e amadurecem.

Para Frankl (2007), a educação deve procurar não só transmitir conhecimentos, mas também aguçar a consciência para que a pessoa receba uma percepção apurada que capte a exigência inerente a cada situação. Assim, uma consciência desperta se tornará resistente ao conformismo. De uma forma ou de outra, mais do que nunca, a educação é educação para a responsabilidade.

Bollnow (1971) considera que a teoria pedagógica comporta muitos fenômenos que o educador deve compreender e levar em consideração. A esses fenômenos pertence, por exemplo, a crise. O autor acredita que se as crises da vida fossem eliminadas, o homem estaria impedido de viver as experiências fundamentais da existência, pois cada processo de amadurecimento está ligado à superação da crise.

Ele pode tão-somente assistir, estar ali ao lado, ajudando, se um dia um tal acontecimento, qual uma fatalidade atinge o homem. Ele pode tentar ajudá-lo a compreender claramente o sentido da crise, a suportá-la até o fim. E muitas vezes será esta proximidade cheia de compreensão, sem que nada se faça de especial, a melhor coisa que o educador pode realizar. Jamais, porém, um educador que possui o senso de responsabilidade, ousará exercer, ele próprio, o papel de destino. (BOLLNOW, 1971, p. 59).

Muitas vezes se entra em conflito com a tendência do ensino que se orienta para um progresso regular e contínuo, principalmente quando se pretende conseguir o progresso com a média normal da classe. Mas é preciso esperar até que chegue o “momento produtivo”. E, então, se

deve somente captá-lo e aproveitá-lo. Isso necessariamente provoca tensão. (BOLLNOW, 1971).

Mas, independentemente das adversidades do momento, do papel que esteja sendo desempenhado, das atividades que estejam sendo feitas e dos recursos que se possua, há sempre um espaço dentro do ser humano onde existe a liberdade de ser o que se é realmente, que lhe serve como uma fonte para recarregar as energias e enfrentar a realidade, lhe permitindo condições de estabelecer suas visões de futuro, capazes de dar sentido aos momentos mais difíceis.

Um professor resiliente poderá muito mais facilmente manter-se firme em sua tarefa de educar, transcendendo questões meramente pedagógicas, respeitando os momentos existenciais dos educandos, respeitando os seus limites pessoais, buscando desenvolver a integralidade na prática formativa, sobretudo porque possui mais possibilidades de vivenciar a sua própria multidimensionalidade.

Considerações finais

Como destacamos, se a resiliência é um fenômeno de fortalecimento psicossocial, cultivar práticas educativas que reconhecem esse potencial e agem como estimuladoras dessa condição, pode funcionar como uma ferramenta capaz de subsidiar a sociedade como um todo. Acreditamos ser possível pensar em uma nova sociedade, melhor, mais humana, se os parâmetros forem as relações vividas em âmbito educativo pautado no respeito mútuo.

Na perspectiva da resiliência, o objetivo da experiência formativa reside em despertar as potências do humano que habitam em cada um de nós, levando-nos a experienciar condições insuspeitadas de crescimento e realização. A busca pelo autoconhecimento e fortalecimento dos valores do ser humano, como base para o desenvolvimento de sua força interior, é capaz de habilitar o homem a superar as dificuldades que a vida apresenta. Propiciar vivências educativas ligadas à espiritualidade, que, como mencionamos, é onde residem todos os princípios éticos e filosóficos, ajudará na construção de um contexto positivo, de onde brotará a integralidade, em sua multidimensionalidade.

Inseridos numa visão mais ampla e otimista da formação profissional e humana do professor, sugerimos transcender os limites do

tecnicismo, apostando na inteireza do homem, que talvez possa dar vida a uma prática educacional voltada não apenas ao aprendizado dos conteúdos, mas também à humanização dos educandos, interlocutores, ouvintes/falantes e, sobretudo, pensantes.

Referências

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

AZEVEDO, J. *Resiliência del adolescente e sus componentes emocionais durante su desenvolvimento*. 2000. Disponível em: <www.monografias.com.> Lisboa. Acesso em: 13/11/2009.

BOLLNOW, O. F. *Pedagogia e filosofia da existência: um ensaio sobre formas instáveis da educação*. Trad. de Hermógenes Harada. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

CASTRO, M. A. C. D. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In: TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Trad. de V. Hugo Lampeta. 11. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

_____. *A presença ignorada de Deus*. Trad. de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

MONTEIRO, D. S. dos A. et al. *Resiliência e pedagogia da presença: intervenção sócio-pedagógica no contexto escolar*. 2001. Monografia (Conclusão do Curso de Pedagogia) – Faculdade de Comunicação e Educação das Faculdades Integradas São Pedro – Campus II, Vitória, 2001.

PAZZOLA, A. *A espiritualidade como base para a resiliência*. 2000. Monografia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco e Instituto Libertas – Consultoria e Treinamento, 2002.

PETER, R. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. Trad. de Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999.

POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: a arte de dar a volta por cima*. Petrópolis: Vozes, 2007.

POLICARPO JÚNIOR, J. Sobre a concepção de formação humana: um diálogo entre o campo educacional e a tradição budista. In: ENCONTRO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DO NORTE/NORDESTE, 3., 2006, Recife. *Anais...* Recife, 2006. CD-ROM.

RÖHR, F. Intuição: lacuna na teoria educacional? ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 14., 1999, Salvador. *Anais...* Salvador, 1999. CD-ROM.

_____. *Liberdade e destino: reflexões sobre a meta da educação*. Salvador: Ágere, 2004. CD-ROM.

_____. Esclarecimento e reencarnação na “educação do gênero humano” de Gotthold Ephraim Lessing - uma hipótese em torno da questão da meta da formação humana. In: ENCONTRO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DO NORTE/NORDESTE, 3., 2006a, Recife. *Anais...* Recife: Centro de Educação da UFPE, 2006a.

_____. Fundamentos epistemológicos da educação na pesquisa em didática e prática do ensino. In: Educação formal e não formal. Processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2006b, Recife. *Anais...* Recife, 2006b.

_____. Espiritualidade e formação humana. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE NORDESTE, 2007, Maceió. *Anais...* Maceió: Qgráfica, 2007.

SAMPAIO, S. *A psicopedagogia como promotora da resiliência*. Disponível em: <http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos-simaia_resiliencia.htm> Acesso em: 18/1/2010.

SILVA, A. I. da; ALVES, V. P. Envelhecimento: resiliência e espiritualidade: história de vida de idosos: superar as adversidades sem perder o senso de integridade. *Diálogos Possíveis*, jan./jun. 2007.

VICENTE, C. M. *Resiliência*. Palestra proferida no Centro de Treinamento de Recursos Humanos de Ponte Formosa, Espírito Santo, 1996.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido em outubro de 2009 e aprovado em novembro de 2009.